



MARIA CELESTE FREIRE DA SILVA
Curso de Psicopedagogia

**ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE INCLUSÃO DOS IDOSOS NO
ENSINO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Geovani de Assis

Universidade Federal da Paraíba

JOÃO PESSOA

2015

MARIA CELESTE FREIRE DA SILVA

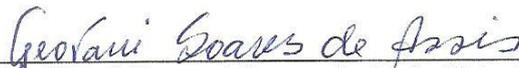
ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE INCLUSÃO DOS IDOSOS NO ENSINO DE JOVENS E
ADULTOS (EJA)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

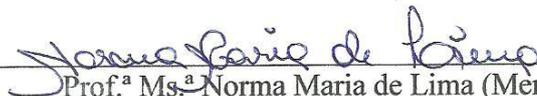
Orientador(a): Prof.^a. Dr.^a. Geovani Soares de Assis.

Aprovado em: 11 / 02 / 2015.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Geovani Soares de Assis (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba



Prof.^a Ms.^a Norma Maria de Lima (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE INCLUSÃO DOS IDOSOS NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

RESUMO

A Escola no transcorrer da sua história, se caracterizou pela visão elitista da educação onde a escolarização é privilégio de um grupo – uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social. Com o processo da democratização da educação, evidencia-se o paradoxo inclusão/exclusão, quando as políticas públicas universalizam o acesso, mas continuam excluindo grupos e indivíduos considerados fora dos padrões normais da escola, e entre esses grupos, o grupo dos idosos se caracteriza principalmente pelas dificuldades que estes encontram em adaptar-se a uma nova realidade, devido a padronização do sistema educacional. Portanto, este é o foco do presente trabalho: a inclusão de pessoas idosas nas salas de aulas na modalidade de ensino EJA, e tem por objetivo analisar, caracterizar, e descrever a percepção que estes idosos tem em relação a sua própria inclusão, e as interações que estes alunos idosos estabelecem entre si, e com seus professores. Este artigo, é um estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa, realizado com 10 participantes. Os dados foram coletados através de entrevistas individuais gravadas, transcritas, e submetidas à análise de conteúdo. A educação das pessoas idosas e sua inclusão na Educação de Jovens e Adultos – EJA, é sem dúvidas, um desafio, uma vez que pesquisas recentes realizadas pelo CENSO 2010 (IBGE) apontam um percentual elevado de pessoas idosas que ainda não sabem ler ou escrever, ficando assim, à margem da sociedade. Nesse contexto, foi possível observar o grau de satisfação que esses idosos manifestaram em relação a sua própria percepção de inclusão, e quais foram as dificuldades que eles mais evidenciaram nas suas trajetórias para aquisição de novos saberes, nessa segunda etapa de suas vidas.

Palavras-chave: Idosos. Inclusão. Educação de Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

O Brasil continua apresentando um percentual considerável de analfabetos segundo o último Censo realizado pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010. Embora se tenha verificado uma queda considerável nos índices de analfabetismo, que passou de 13,63 no ano 2000 para 9,6% em 2010, o número de brasileiros com idade igual ou superior a 15 anos que não sabem ler e escrever ou fazer as quatro operações aritméticas ainda é preocupante. Os dados do Censo apontam que o percentual de idosos, que não sabiam ler ou escrever, chegou à faixa de 39,2%, sendo que em algumas regiões do Nordeste essa proporção girava em torno de 60%.

Diante desse panorama o presente artigo destaca a importância da aprendizagem das pessoas idosas matriculadas na modalidade de ensino de jovens e adultos (EJA) e como eles se percebem incluídos, qual seu grau de satisfação em relação a metodologia aplicada em sala de aula, e como eles interagem socialmente entre si e com os demais alunos e professores.

Nessa perspectiva, levantamos alguns questionamentos, que nortearão os rumos dessa pesquisa: como ouvi-los? De que maneira está na escola? Qual seu efetivo aproveitamento? As instalações atendem as suas necessidades? Seus saberes estão sendo utilizados? Estão vivenciando uma educação de qualidade? Que percepção tem em relação a sua aprendizagem?

De acordo com Fisk et al. (2009), as pessoas da terceira idade aprendem melhor quando se levam em consideração as mudanças físicas, cognitivas, e psicológicas que estejam vivenciando, nesse contexto, é de fundamental importância desenvolver a luz da Psicopedagogia metodologias e ações que minimize algumas dessas dificuldades na aquisição de novos saberes.

Considerando as alterações decorrentes do processo de envelhecimento, é possível ter um panorama da situação enfrentada pelos idosos, na busca por uma educação que atenda as suas necessidades e que respeite as limitações e dificuldades impostas pela idade.

Embora seja utilizada a idade cronológica como parâmetro, o envelhecimento não pode ser encarado como um evento, e sim como um processo único e individual, não havendo um ponto específico a partir do qual a pessoa se torna velha (BEAUVOIR, 1990; MILLANVOYE, 1998). As várias mudanças de ordem psíquicas e físicas vão se enunciando de acordo com as expectativas, comportamentos, atitudes, e sentimentos, aliadas as influencias externas e internas, passadas e presentes, que determinarão o individuo em sua velhice.

De acordo com o estatuto do idoso, toda pessoa com 60 anos ou mais é considerada idosa. (Conforme o Art. 1º da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.) Observa-se que o número de idosos, tem aumentado continuamente em nossa sociedade, apresentando hoje mais de 21 milhões, o que representa 11% da população brasileira, estimando-se um crescimento de 58,4 milhões o que representa 26,7% do total até o ano de 2060 segundo dados do IBGE, com base no Censo de 2010. Nessa perspectiva, cresce também o número de idosos, que buscam as escolas públicas, em regime presencial, para se alfabetizarem ou completarem seus estudos.

Esse artigo visa contribuir para que se conheça os desafios da educação de jovens e adultos, com enfoque nos idosos, e para tanto, é imprescindível conhecer um pouco sobre o ensino de jovens e adultos, (EJA) que foi desenvolvido para atender a uma crescente defasagem na educação desse público alvo. A EJA e sua importância ficaram reconhecidas devido às conferências organizadas pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) nos anos de 1990.

O antigo supletivo passou a se chamar de educação de jovens e adultos, EJA, e no ano 2000 o Conselho Nacional de Educação, no parecer nº11 (Das diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos), foi implantado as funções e as bases legais do EJA, nos parâmetros curriculares nacionais e nas Diretrizes Curriculares Nacionais. De acordo com a lei 9.394/96, a EJA passou a ser uma modalidade de educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, que propicia ao educando o acesso ao conhecimento socialmente produzido.

Para atender as necessidades educacionais dos idosos, de acordo com o Estatuto do Idoso, em seu Art.10, inciso III, as escolas que atendem na modalidade de ensino EJA, têm por dever inserir conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados aos idosos, eliminando preconceitos e produzindo conhecimento sobre o envelhecimento, a fim de contribuir com uma melhor qualidade de vida dessas pessoas fragilizadas pela idade, e que se sentem muitas vezes excluídas socialmente.

Nesse sentido, traçou-se como objetivo principal investigar a percepção do idoso em relação a sua inclusão no EJA, além disso, os objetivos específicos buscaram identificar a percepção do idoso em relação a sua inclusão, caracterizar a percepção do idoso em relação a sua inclusão, e analisar a percepção dos idosos em relação a sua inclusão na modalidade de ensino EJA, e se existe diferença em função do gênero, e da metodologia aplicada nas escolas.

Assim, para atender a tais objetivos apresentaremos a seguir a base teórica que servirá de suporte para análise e discussão dos dados, em seguida, a metodologia que usamos para desenvolver a pesquisa que gerou este artigo, logo após a análise e discussão dos dados coletados e finalmente os resultados obtidos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ENSINO NA MODALIDADE EJA

O grande desafio da Educação de Jovens, Adultos e idosos na atualidade, é desenvolver aprendizagens significativas e conteúdos curriculares que promovam sua inserção social na sociedade globalizada em que vivemos, e que atenda a demanda educacional em todos os níveis (da Educação Básica ao Ensino Superior) diminuindo a evasão escolar, e proporcionando condições de acesso e permanência dessas pessoas nas escolas.

Nessa perspectiva, traçamos um breve histórico do surgimento da EJA, e a sua contribuição no cenário educacional de nosso país, sem pretender com isso fazer uma reconstituição histórica, apenas trazer alguns elementos dessa trajetória permeada por tensões, lutas, e desafios, e as idéias principais que fundamentaram as ações e projetos político-pedagógicos da EJA.

A história da EJA é historicamente marcada pela relação de domínio e humilhação estabelecida entre a elite e as classes populares, vinculada a ideia de que o analfabeto era “incompetente, marginalizado, culturalmente inferior” (FÁVERO, 2004.p.15). Essa ideia sobre os analfabetos, inviabilizava a concretização e as possibilidades efetivas ou não dos projetos voltados para educação dessa classe, que se mantinha a margem da sociedade e excluída.

Nesse contexto, a educação no Brasil caminhava por vias tortuosas, sempre reservada a elite dominante e exploradora, na ideia de que o ensino era apenas para alguns, e que por isso os demais não precisariam aprender.

A partir da década de 1930, começaram a ocorrer no Brasil as mudanças que norteariam os rumos da política e da economia, mas precisamente no primeiro governo Vargas, por ocasião da criação do Fundo Nacional de Ensino, com repasse das verbas aos estados, com vistas a melhoria do ensino de crianças e adultos.

Diante dos altos índices de analfabetismo no país, o governo impetrou ações no

sentido de criar um fundo destinado à alfabetização da população adulta analfabeta. Em 1945, iniciou-se um movimento de fortalecimento dos princípios democráticos no país, com a criação da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), ocorreu, então, a solicitação aos países integrantes, entre eles, o Brasil, de se educar os adultos analfabetos.

Por sua vez, em 1947, o governo lançou a 1ª Campanha de Educação de Adultos, com a proposta de alfabetizar adultos analfabetos no período de três meses, com oferta de um curso primário em duas etapas de sete meses, com capacitação profissional e desenvolvimento comunitário. Abriu-se, então, a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil.

Neste mesmo período, tem início a criação no Brasil do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP), e do Instituto Nacional de Pesquisa (INEP) que exerceram juntamente com a UNESCO, influência positiva e geradoras de incentivos para criação de programas nacionais de educação, corroborando com as aspirações nacionais que aspiravam a garantia do ensino primário gratuito como direito de todos. No ano de 1947, o MEC promoveu a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) com objetivo de desenvolver projetos de alfabetização junto às comunidades, além de aprofundar o trabalho educativo, atuando no meio rural e urbano.

Na década de 1960, mais precisamente no ano de 1961 foi criada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB de nº 4.024/61 sendo seguida pela lei de nº 5.540/68 . Essa lei ampliou as discussões em torno do ensino primário, médio, técnico e superior, e tratavam diretamente da estrutura e funcionamento da educação brasileira, entretanto não foram feitas referências específicas a educação de jovens e adultos, apenas implicitamente da educação como um direito de todos.

No mesmo ano, foi criado o Movimento de Educação de Base (MEB) uma iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que objetivava desenvolver um programa de educação por meio de escolas radiofônicas, com apoio da UNESCO e justificada pela Igreja Católica que através de ação evangelizadora, buscava conscientizar a população de suas dificuldades e da necessidade de superação das condições em que viviam.

O MEB teve suas atividades parcialmente encerradas no ano de 1966, devido as pressões e a falta de recursos financeiros, mas de acordo com Brandão (1977, p. 36) “o MEB transportou o melhor de sua prática para uma presença direta nas bases e para a organização de trabalhos sócio-político nas comunidades”.

É importante ressaltar que em diversos momentos históricos, a crise na educação era o reflexo da crise econômica e social vivida no país, mas que de acordo com Paiva (1987, p. 22), a existência de crises, ou sua preconização são necessárias, pois propiciam o surgimento de empreendimentos na esfera educacional, difusão e reformulação de métodos, e de lutas que visam manutenção de poder político, que nessa perspectiva, são responsáveis pelas transformações em todos os âmbitos da sociedade.

Nesse universo de transformações, a educação passa a ser vista com novos olhares, e novas idéias surgem como possibilidade histórica de mudanças. “Somos ou nos tornamos educáveis porque, ao lado da constatação de experiências negadoras da liberdade, verificamos também ser possível a luta pela liberdade e pela autonomia contra a opressão e o arbítrio” (FREIRE, 2000, p. 121), segundo o autor citado, a educação visa sempre a libertação, onde homens e mulheres são instrumentos de mudança social, transformadores da realidade em que vivem, não mais sendo vistos como objetos, e sim como sujeitos de sua história.

A luta pela educação para todos continua na Constituição de 1969, mas desta vez apenas assegurava obrigatoriedade da educação básica a faixa etária de 7 a 14 anos, com grade curricular que qualificava os jovens e adultos em caráter supletivo, com fins ao trabalho na indústria e no comércio. Mas foi na década de 1970, ainda vivendo sob a ditadura militar, que surge o Movimento Brasileiro de Alfabetização – (MOBRAL) criado em 1967, com a lei. 5379º sob a presidência do General Alberto Costa e Silva, o MOBRAL surge para dar prosseguimento às campanhas de alfabetização de adultos iniciadas com Lourenço Filho, com o compromisso de alfabetizar jovens e adultos nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, expandindo-se por todo país na década de 70.

Com a instauração da Nova República, o ano de 1985 trouxe novas perspectiva para o surgimento e ampliação de ações que foram precursoras do movimento de Educação de Jovens e Adultos- EJA, e a partir do ano de 1988, a nova constituição brasileira trouxe mudanças significativas que marcaram a forma de pensar educação. Más foi a partir do ano de 1997, com surgimentos de fóruns que aconteciam de forma diferente em cada Estado, que a história da EJA, a partir do ano 1997, passou a ser registrada num Boletim de Ação Educativa com objetivo de socializar informações e trocas de experiências.

Os fóruns passaram a marcar presença nas audiências do Conselho Nacional de Educação a partir do ano de 1999 a 2000, para discutir as diretrizes curriculares para a EJA. Os fóruns, nessa perspectiva, têm sido os interlocutores da EJA e contribui para discussão do que seja o ensino da EJA no Brasil (SOARES, 2004).

A inclusão dos idosos nas salas de ensino de jovens e adultos EJA- tem sido de extrema importância para o resgate da autoestima e da melhoria de vida dessa população. O idoso que se alfabetiza, passa a ter uma visão diferenciada da sociedade que o cerca, adquire mais autonomia, uma vez que associa a descoberta de novas aprendizagens a outras já estabelecidas, promove o resgate de sua autoestima, o que aliada a uma educação significativa, passa a ser fator determinante para aquisição de novos valores que contribuem para o gerenciamento de seu próprio destino (FREIRE, 2002).

A INCLUSÃO DA TERCEIRA IDADE NAS SALAS DE EJA

Para compreender um pouco melhor sobre inclusão, parte-se para uma breve especificação do conceito do termo. Segundo Figueiredo (2010) no novo dicionário da língua portuguesa, Inclusão é o ato ou efeito de incluir, e de acordo com Raiça “não é apenas uma palavra da moda, é uma necessidade humana” (RAIÇA, 2008 p.29).

Santos (2003, p.4) explica que “Inclusão se refere (...) a todos os esforços no sentido da garantia da participação máxima de qualquer cidadão em qualquer arena da sociedade em que viva, à qual ele tem direito, e sobre a qual ele tem deveres”

De acordo com Figueiredo (2002), a educação inclusiva deve ser espaço para todos os alunos, não de forma forçada para cumprir exigências dos órgãos governamentais, mas sim como forma de valorizar a diversidade e investir na qualidade do ensino. Nessa perspectiva, a inclusão do idoso dentro de uma sala de aula de EJA, com jovens e adultos, é acima de tudo uma experiência riquíssima, e cada etapa desse processo deve ser vivida e compartilhada por todos os envolvidos, levando-se em conta as especificidades no processo de ensino e aprendizagem que envolve os idosos.

O ensino para idosos precisa ser sistematizado, a fim de desenvolver métodos inclusivos e eficazes com práticas voltadas ao seu desenvolvimento de forma integral, sem, contudo ignorar suas dificuldades, principalmente aqueles idosos que se encontram em faixas etárias mais avançadas.

A pessoa idosa que apresente algum tipo de dificuldade na aquisição de novos conhecimentos, sejam elas motoras ou cognitivas, não deve ser tratada de forma infantilizada, como se fossem crianças. O idoso deve ser respeitado naquilo em que tem de melhor, ou seja: suas experiências e saberes adquiridos ao longo de suas vidas. Deve ser estimulado a

continuar exercendo seu papel social, uma vez que já chegam a sala de aula com uma bagagem de conhecimentos e de vivências que não podem ser descartados pelo educador.

Considerando assim a importância da educação para o idoso, Salgado (2007, p. 76) afirma que:

A disponibilidade para aprender nem sempre é uma característica dos idosos, cabendo aos profissionais a responsabilidade de estimular essa atitude, buscando métodos pedagógicos adequados e diminuindo o estigma preconceituoso que na velhice é muito difícil aprender.

Nessa perspectiva, o professor que atua na educação dos idosos, deve sempre enfatizar a importância da educação em suas vidas, estimulá-los sempre que possível, a fazer uma auto-reflexão, afim de que atinjam as metas que eles mesmos se impuseram quando adentraram nas salas de educação de jovens e adultos- EJA, principalmente aqueles idosos que estão em processo de alfabetização, para que não desistam de seus sonhos.

O educador precisa considerar o fato de que a educação que estes idosos vivenciaram na infância e juventude tinha um caráter disciplinador e punitivo, cujo objetivo era formar cidadãos de acordo com os interesses historicamente predominantes, sem liberdade para expressar-se, levando-os a reprimir todo tipo de questionamentos sobre a forma como eram educados. E no contexto em que eram ensinados, tinham o que dizer, mas não podiam fazê-lo (FREIRE 2005).

É preciso que se compreenda que a relação entre jovens e idosos nas salas de EJA, também é marcada por conflitos entre as gerações, o que pode ser ocasionar um alto índice de evasão escolar. A equipe pedagógica da escola, sabedora das dificuldades dos idosos no trato e nas relações interpessoais com alunos mais jovens, precisam identificar e coibir qualquer forma de preconceito e discriminação que o idoso possa estar sofrendo, contribuindo assim para sua inclusão e fortalecimento de uma boa convivência entre todos. A esse respeito, Alves (2011, p. 8) nos diz:

[...] ensinar a conviver. A vida é convivência com uma fantástica variedade de seres humanos, velhos, adultos, crianças, das mais variadas raças, das mais variadas culturas, das mais variadas línguas, animais, plantas, estrelas. Conviver é viver bem em meio a essa diversidade. E parte dessa diversidade são as pessoas portadoras de alguma deficiência ou diferença. Elas fazem parte do nosso mundo. Elas têm direito de estar aqui.

Para que a inclusão e a permanência dos idosos seja de fato efetivada, nas escolas que atendem na modalidade de jovens e adultos, é necessário que estes idosos possam vivenciar esta inclusão de forma prática, uma vez que incluir é garantir direitos e deveres socialmente conquistados (SANTOS, 2003).

Os idosos que são a minoria nas salas de EJA, necessitam de professores engajados na sua educação, que promovam atividades pedagógicas que lhes proporcione a compreensão do próprio mundo, ampliando a sua capacidade de aprender e responder aos desafios (FREIRE, 2005). Incluir o idoso na educação de jovens e adultos é proporcionar-lhe uma nova chance de realizar-se como pessoa, contribuindo para que esses idosos voltem a sentir-se como parte integrante da sociedade em que estão inseridos. A esse respeito, podemos citar a declaração de Hamburgo de 1997, na V Conferência Internacional Sobre Educação de Adultos que diz:

Educação básica para todos significa dar às pessoas, independentemente da idade, a oportunidade de desenvolver seu potencial, coletiva ou individualmente. Não é apenas um direito, mas também um dever e uma responsabilidade para com os outros e com toda a sociedade. É fundamental que o reconhecimento do direito à educação continuada durante a vida seja acompanhado de medidas que garantam as condições necessárias para o exercício desse direito (CONFINTEA, 1997, p. 3).

E como a Psicopedagogia, poderia ser útil no processo de ensino e aprendizagem de jovens, adultos e idosos, agindo como facilitadora nesse processo? De acordo com Scoz (2008, p.160), O trabalho psicopedagógico também auxilia o aluno na sua produção escolar e para além dela, ao colocá-lo em contato com suas reações frente a conteúdos escolares, com seus lapsos, bloqueios, sentimentos de angústias e hesitações.

METODOLOGIA UTILIZADA NAS SALAS DE EJA.

A metodologia utilizada nas escolas que atendem a jovens, adultos, e idosos na modalidade de ensino-EJA é de vital importância na formação desses educandos, uma vez que as atividades propostas nos cursos de EJA pressupõem um olhar diferenciado para esse público, com atividades e métodos adaptados, acolhendo e dinamizando de fato os conhecimentos de diferentes realidades incluídas em sala de aula.

Nessa perspectiva, os cursos na modalidade EJA, foram pensados com intuito de proporcionar o acesso e permanência dos alunos jovens, adultos, e idosos na escola, com

investimento nas práticas pedagógicas que valorizem suas experiências e conhecimentos prévios, atendendo as suas expectativas em relação a sua aprendizagem.

O ensino de jovens, adultos e idosos, tem suas particularidades, considerando o fato de que muitos desses alunos tiveram de romper as barreiras do preconceito em função do desejo de aprender, enfrentando uma série de dificuldades, entre elas as inerentes as suas próprias limitações no âmbito motor e cognitivo. Se faz necessário que aliada a vontade que eles tem de aprender, esteja também o desejo da escola em proporcionar a esses alunos uma prática pedagógica que garanta atitudes positivas na inclusão e no acesso a sua escolarização.

E para que isso ocorra, devemos tomar como ponto de partida o respeito as suas necessidades específicas, principalmente no que diz respeito a forma como eles se sentem em relação a educação que estão vivenciando na escola, e se existe a necessidade de modificação da metodologia utilizada. Não se trata apenas de adaptar ou inovar currículos, más incutir nesses alunos uma nova perspectiva de vida, resgatando em cada um deles as conquistas de metas que foram abandonadas desde a infância, trazendo de volta o reconhecimento social e a afirmação da sua autoestima com a conquista de novos saberes.

Nesse contexto, as propostas curriculares da EJA devem levar em consideração as especificidades e diversidades deste público, seu contexto sócio-cultural e sócio-econômico, com metodologias e com atividades curriculares que respeitem seus conhecimentos, crenças e valores já constituídos. De acordo com Borges (2007, p. 57), “a construção de um currículo voltado para a especificidade e diversidades que formam a cultura e a educação, deve expressar as diferenças, as contradições, as formas de viver, as belezas naturais, os trabalhos e as etnias”.

Assim, ao adentrarem uma sala de aula na modalidade de EJA, os jovens, adultos e idosos, são motivados pelo desejo e pela vontade em aprender, almejam conquistar seu espaço no mercado de trabalho, investir na sua qualidade de vida, e melhorarem a sua autoestima. Já uma boa parte dos idosos que frequentam as salas de aula da EJA, estão em busca de se alfabetizarem, e suas expectativas giram em torno de “recuperar o tempo perdido”, de resgatarem seus direitos perante a sociedade, e de se sentirem úteis.

Eles também esperam que suas experiências de vida sejam levadas em consideração, principalmente aqueles idosos que vivem em contexto desfavorecido dos poderes públicos, e que podem trazer para sala de aula temas para serem discutidos como, por exemplo, a poluição, os lixões, e questões relativas a saúde da população em que estão inseridos

(FREIRE, 2002). E para que isso aconteça, precisam ser instigados a falar e serem ouvidos pelos demais alunos e professores.

Nessa perspectiva, entende-se que a metodologia utilizada pelos educadores na educação de jovens, adultos e idosos em salas de EJA, tem por finalidade desenvolver o crescimento em todos os aspectos da vida do educando, com metodologias criativas, e adaptadas as suas realidades, com objetivo de transmitir ao educando não apenas ensino letrado, mas também desenvolver uma consciência crítica, política e social, que valorize e respeite seus conhecimentos, sua cultura e identidade (FREIRE, 2005).

Nesse contexto, e segundo Scoz (2008), os educadores necessitam ainda compreender que nenhuma teoria ou corrente tomada isoladamente pode dar conta do processo educativo e que o trabalho em educação envolve uma multiplicidade de fatores nos quais inúmeras ciências têm importantes colaborações a prestar.

MÉTODO

DELINEAMENTO

O presente artigo foi construído a partir de uma pesquisa de campo, de caráter descritivo e exploratório, com ênfase na perspectiva qualitativa, cujos dados foram oriundos de levantamento de informações, que se utiliza da interrogação direta das pessoas cujo comportamento ou opiniões se deseja conhecer. Para analisar os dados optou-se pela utilização do método de análise de conteúdo com base na literatura de Franco (2005), o qual descreve como técnica precisa que vislumbra garantir a objetividade buscando para tais um verdadeiro significado.

PARTICIPANTES

Nesta pesquisa, contou-se com a participação de 10 estudantes idosos devidamente matriculados na modalidade EJA – Ensino de Jovens e Adultos – em uma escola da Rede Municipal de Ensino, da cidade de João Pessoa – PB. Fizeram parte da amostra 06 idosas do gênero feminino, 04 do gênero masculino, com idades que variam entre 48 e 75 anos.

INSTRUMENTOS

Para a construção e realização desta pesquisa, o instrumento utilizado foi composto por um questionário e uma entrevista estruturada, em forma de livreto. A entrevista contou com 09 questões (APÊNDICE A) abertas, o que permitiu uma cobertura mais aprofundada sobre a percepção de inclusão da terceira idade no ensino fundamental na modalidade EJA, e para fins de caracterização da amostra, nesse estudo, o questionário contemplou as seguintes questões sócio-demográficas: estado civil, grau de escolaridade, atividade que exerce com quem reside, e gênero. Foi usado também um gravador.

PROCEDIMENTOS

O Projeto foi apresentado à Instituição escolhida ocasião em que obtivemos a permissão para a realização da pesquisa. Após a concordância das escolas, os estudantes idosos, foram convidados a participar da pesquisa, respondendo o questionário e entrevista, realizada em sala de aula, sendo informados da voluntariedade da participação, do caráter anônimo e confidencial de todas as informações.

Uma vez concordando em participar da pesquisa os respondentes assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, baseado nos preceitos éticos vigentes para a realização de pesquisas com seres humanos, defendidos pela Resolução n. 466/12 do CNS/MS. Foi informado que os dados coletados ou resultados ficarão disponíveis para os interessados.

Foi explicado que o número de questões se refere à percepção que eles têm em relação a sua inclusão na modalidade do ensino de jovens e adultos-EJA. Inicialmente o questionário e a entrevista apresentam algumas questões relacionadas ao nível sociodemográfico de cada aluno, com questões básicas e pessoais, seguido de questões relacionadas às práticas educativas vivenciadas na modalidade de ensino EJA. O questionário foi aplicado em contexto coletivo, mas respondido de forma independente por cada um dos participantes, tendo duração média de 20 minutos para o questionário e mais 20 para a gravação que foi transcrita pela pesquisadora.

ANÁLISES DOS DADOS

Os dados do questionário foram analisados quantitativamente por meio da estatística descritiva, fazendo-se uso de porcentagens, utilizadas para a caracterização da amostra da pesquisada. As questões da entrevista foram analisadas por meio da análise de conteúdo das falas dos participantes, conforme orientação de Franco (2005), sendo comparadas em relação à literatura que selecionamos para o referido referencial teórico. Para efeito de análise cada participante recebeu a seguinte denominação: S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9 e S10.

Dessa forma, espera-se com esta pesquisa e dados coletados, obter maiores informações de como o idoso se percebe dentro do processo de inclusão no ensino, e se a metodologia do EJA está adequada para atender a realidade e as necessidades da pessoa idosa, e que providências poderão ser tomadas para que o idoso tenha uma educação que realmente prime pela qualidade e que possa servir de estímulo para aprendizagem desse grupo específico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisarmos os dados sócio-demográficos correspondentes a primeira parte do instrumento, verificamos que 60% da amostra foi composta pelo gênero feminino e 40% do masculino, com idades variando entre 48-75 anos, apresentando como média 63,20 e desvio padrão 8,71. Na variável “estado civil” 50% da amostra é composta pela categoria “divorciado”, 20% respectivamente “casado” e “viúvo” e 10% “solteiro”.

Com relação à escolaridade 50% da amostra pertence ao “primeiro ciclo do ensino fundamental”, com 60% na situação de não aposentado, exercendo, portanto, alguma atividade remunerada não especificada pelos respondentes. Contudo, em relação à variável “com quem reside?” os escores da amostra equipararam, sendo 40% para “cônjuge” e o mesmo valor para “filhos”, restando “casa de repouso” e “outros” cada qual com 10%.

Os dados relativos à segunda parte do instrumento foram mapeados e sistematizados conforme apresentados no APÊNDICE (B). A partir do mapeamento procedeu-se a análise de conteúdo, a qual possibilitou reunir alguns parâmetros de respostas, dispostos conforme exposição a seguir.

A questão um que tratava sobre “*É sua primeira experiência com a escola? Explique.*”, 50% da amostra falou que não e 50% afirmou que sim, sendo que, dos que

responderam negativamente, S₂(s=sujeito) e S₆, relataram já terem estudado em outra escola, porém não gostaram. Dos que apontaram positivamente, S₁, S₇ e S₉ disseram que foi na escola que aprenderam a ler e escrever.

A respeito da experiência escolar para os idosos, Pereira (2012) afirma conforme seus estudos, ser esta de extrema significância à medida que, os mesmos, desde cedo, projetam na escola uma oportunidade de melhorar ou mudar de vida, mesmo que não tenham ingressado na mesma quando jovens. Segundo os mesmos atores, os resultados da experiência escolar são vistos no cotidiano de suas vidas, em pequenas manifestações de independência o que melhora a autoestima do idoso e, conseqüentemente, auxilia nas capacidades mentais.

No tocante a questão dois “*Qual o principal motivo para você está aqui?*”, 70% da amostra relatou que o principal motivo de estarem ali seria o fato de poderem aprender mais (S₆ “aprender um pouco mais”), 20% atribuíram por motivos de distração ou divertimento (S₂= “*não gosto de ficar em casa*”) e 10% destacaram o fato de desenvolverem mais em atividades cotidianas (S₄= “*pra melhorar no meu trabalho em casa. Eu vendo artesanato com minha filha*”).

Sobre a importância de estar na escola pode-se destacar os achados de Pereira (2012, p.1) o qual afirma, “estar na escola nessa fase da vida para esses sujeitos significa resgatar a imagem de estudante que lhes foi negada no passado e fortalecer uma imagem de velhice ativa, capaz, presente e de visibilidade social”. Além disso, um dos motivos principais do ingresso a escola pelos idosos é, conforme a perspectiva de Coura (2009), **a busca por um saber**, o qual se pode associar a amostra em questão a partir da fala dos sujeitos que buscam aprender mais (grifo nosso).

No item três “*Como você se sente com relação aos conteúdos ministrados?*”, 60% da população estudada pontuaram em termos positivos com relação àqueles, porém fazendo algumas ressalvas com relação à monotonia das aulas, exemplo S₂= “*aulas de tempo menos*”. “*Aulas chatas.*” 40% apresentaram algum tipo de limitação quanto aos conteúdos, alegando serem difíceis ou não gostarem, exemplo S₄= “*São bons. Só não gosto de geografia e ciências*”.

No quesito quatro “*Como você descreve a metodologia utilizada no EJA? Adequada ou não adequada? Explique.*”, 60% da amostra responderam que sim, contudo, enfatizaram algum tipo de dificuldade neste processo como, por exemplo: S₈= “*Sim. O método é bom, mas podia ser mais animado, às vezes dá sono*”. Diferentemente, 40% dos participantes, se

posicionaram negativamente quanto este aspecto, exemplo: S₉= “*Entendo mais o que é dito do que é escrito*”.

Abrangendo mais veemente o exposto acima, acerca dos conteúdos ministrados e metodologia do EJA, Arena (2011) enfatiza que o ensinar para os idosos deve contemplar materiais que circulem o cotidiano do aluno, como: folhetos de supermercado, tabelas de preços de materiais de construção, revistas de corte e costura que ensinam a traçar molde, ou até mesmo livros de receitas de culinária, pois, podem ser textos propulsores do desenvolvimento da leitura, por serem da vivência deles. A partir dessa contextualização, possibilitará aos alunos atribuírem sentido ao processo de ensino e aos atos de leitura, por corresponderem a sua realidade.

Na questão cinco “*Você se sente parte da turma? Por quê?*” 80% da amostra pontuaram que sim, justificando sua resposta com termos que enfatizavam amizade e boa relação social entre eles, como: S₁= “*nós somos todos amigos*”; S₆= “*Aqui todos são amigos um dos outros*”. Diferentemente, 20% da amostra não pontuaram uma resposta definida, como, S₂= “*não sou de conversar muito*” S₁₀= “*Me sinto. Mas não converso muito não*”. Mesmo assim, percebe-se que esses tais sujeitos (S₂ e S₁₀) ligaram o sentimento de pertença ao grupo às relações pessoais e amizade como os demais, sendo que de maneira indefinida.

À medida que o tempo que lhes resta se torna curto, adultos mais velhos buscam estar com pessoas as quais tenham gostos em comum, e que atendam as suas necessidades emocionais imediatas, e embora alguns tenham círculos sociais reduzidos, tendem a ter relacionamentos mais próximos (LANG; CARSTENSEN, 1994; 1998). Esses contatos, apesar da pouca frequência, em nada sofrem em sua qualidade e apoio social, mesmo para aqueles que não conseguem interagir com o grupo de forma mais efetiva.

De acordo com o item seis que trata sobre “*Qual sua opinião em relação a esta modalidade de ensino EJA?*” 70% dos respondentes definiram tal modalidade como boa, relacionando a um fator positivo como, aprender mais ou ser um bom auxílio, exemplo: S₄= “*O EJA é bom, tem me ajudado muito*”; S₆= “*Eu já estudei quando mais jovem nas escolas do estado, mas aqui eu aprendi mais*”. 20% apenas registraram ser boa, sem apresentarem justificativas e 10% deixaram de responder.

O fato de aprender mais é de grande importância para os idosos, constituindo-se fundamental para eles aprender a falar e escrever para que possam ter sua cidadania conquistada, levantar problemas e propor soluções, assim como, contextualizar o

conhecimento que adquirem cotidianamente e construir uma sociedade mais humanística (SILVA; TAAM, 2009).

No tocante a questão sete que trata sobre “*Quais as sugestões de mudanças que você indicaria para a melhoria do Ensino na EJA, no que diz respeito a sua inclusão?*” em unanimidade a amostra afirmou que as aulas poderiam ser mais dinâmicas e atrativas, sugerindo inserção de passeios e atividades diversas para melhorar a rotina das mesmas (S₃= “*Era pra gente ter passeios a lugares diferentes*”).

Esse desejo de aulas mais dinâmicas e contextualizadas se confirma na premissa dos autores Marques e Pachane (2010, p. 487) ao dizerem: “Entendemos que professores de EJA deveriam, portanto, atuar a partir da ótica de educadores sociais, isto é, trabalhar para superar os obstáculos a fim de proporcionar uma educação de qualidade para todos”.

Do mesmo modo, com relação as experiência de vida dos idosos, no quesito oito no instrumento que aborda “*Suas experiências de vida estão sendo valorizadas na EJA? Sim/ Não. Justifique*”, a amostra em sua totalidade respondeu que não, alegando motivos de desvalorização quanto a serem ouvidos e suas histórias consideradas, exemplo: S₃= “*Ninguém pergunta sobre a vida da gente*”; S₆= “*Aqui a gente só fala mais uns com os outros. Não se pergunta nada sobre o que a gente sabe*”.

Frente a tais respostas, pode-se assegurar que, o fato de considerar as experiências dos idosos se faz pertinente na afirmação dos autores Silva e Taam (2009, p. 6) quando enfatizam “Entendemos que hoje a Educação de Jovens e Adultos tem que adequar currículos e metodologias no ensino voltado aos idosos, há a necessidade de se considerar os conhecimentos prévios (de vida) destes sujeitos históricos [...]”.

Por fim, a última questão enfocava sobre “*Você diria que fez uma boa escolha após vim estudar na EJA? Explique*”. Igualmente ao quesito anterior, os respondentes em sua completude responderam que sim e justificaram suas respostas com expressões de sentido positivo quanto à escolha a qual fizeram como: S₃= “*Aqui nós aprende muita coisa boa*”. Sendo que dos 100% que responderam sim, 20% apresentarão motivos superficiais para justificar suas respostas, como: S₁₀= “*melhor do que ficar em casa*”. Assim, a maioria da amostra, 80%, relatou ter aprendido algo com esta modalidade de ensino.

O fator da aprendizagem está mais uma vez explícito na fala dos respondentes, associando assim, aos autores anteriormente citados Silva e Taam (2009), para enfatizar a aprendizagem como algo significativo na vida dos idosos, pois isso os torna mais autônomos, realizados e ativos socialmente, além de auxiliá-los notoriamente em seu dia-a-dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao avaliar a percepção e inclusão na educação de jovens e adultos, na modalidade de ensino EJA, percebemos que, no contexto geral, uma boa parte dos idosos se sentem devidamente incluídos e aceitos, tanto pelo ambiente escolar, como por seus companheiros de sala de aula. Entretanto, foi possível observar através dessa pesquisa, que muitos deles gostariam que seus conhecimentos fossem melhor aproveitados, e que fossem revistas algumas metodologias utilizadas, afim de que houvesse um melhor aproveitamento nas atividades realizadas em sala de aula. Alguns idosos relataram a falta de atividades extraclasse, e da forma repetitiva que algumas atividades são ministradas, dando ênfase a falta de recursos audiovisuais, e aulas mais dinâmicas.

Relataram também a falta de atividades lúdicas, que podem ser desenvolvidas dentro do próprio ambiente escolar e de passeios a museus, entre outros. Muitos idosos foram unânimes ao afirmar que gostariam de serem ouvidos em suas experiências, ou terem seus saberes aproveitados, principalmente por seus professores, chegando a atingir um percentual de 100% da amostra. Nessa perspectiva, existe a necessidade de deslocar o nosso olhar para as múltiplas possibilidades que o simples fato de ouvi-los causaria em sua própria escolarização, dando ênfase ao potencial criativo que cada um apresenta.

Ao interagir com os idosos, ficou evidente a convicção que estes manifestaram em relação a sua educação, como forma de descoberta e resgate de si mesmo, e que ainda se sentem capazes, apesar das suas limitações e do contexto social onde vivem, de atingirem seus objetivos, revelando suas potencialidades individuais e singulares.

O aprendizado é uma via de mão dupla, e em relação aos idosos, não se trata apenas de crescimento na área educacional, mas possibilita a criação de novas relações sociais, e atua como um resgate dos seus saberes anteriormente adquiridos. Todavia, precisamos ressaltar que os recursos na área de educação nem sempre atendem a demanda no cuidado com a educação dos idosos, o que nos leva ao seguinte questionamento: de que maneira a Psicopedagogia pode atuar no processo de escolarização dos idosos?

Para enfrentar esse desafio, o Psicopedagogo necessita desenvolver uma percepção mais voltada as necessidades que os idosos enfrentam nesta fase de suas vidas, desenvolvendo no ambiente institucional ou clínico, estratégias que possibilitem uma melhor reintegração desses idosos na sociedade, trabalhando sua melhora cognitiva e afetiva, na situação de aprendizagem. Cabe ao psicopedagogo, atuar de maneira multidisciplinar, para criar nestes

espaços educacionais, uma relação de conhecimento, de aprendizagem, ressaltando junto ao idoso, o sentido que esta fase da vida possui, com seus sonhos e histórias, com sua cultura e outros sentidos importantes. As limitações encontradas neste trabalho, referem-se a pouca literatura que trata da educação dos idosos, principalmente sobre sua inclusão na modalidade de ensino EJA, que tem enfoque mais voltado à educação de jovens e adultos, e a dificuldade no preenchimento dos questionários, devido ao fato de alguns idosos não estarem devidamente alfabetizados. No entanto, a experiência foi riquíssima, uma vez que foi possível identificar, e entender, a necessidade de mudanças de métodos e práticas pedagógicas no trato com os idosos, e do quanto a Psicopedagogia pode ser importante ferramenta na educação dos mesmos. Deixando claro que a Psicopedagogia não oferece a panaceia para todos os males que envolvem os processos educativos, mas a sua contribuição se faz cada vez mais necessária e inegável, na construção de uma educação com mais qualidade. Para finalizar, e de maneira muito breve, é importante preparar os professores e toda equipe pedagógica da escola, para coibir o preconceito e a discriminação de idosos em suas dependências, para que esses idosos possam enfrentar com maiores possibilidades de sucesso, os desafios e as crises enfrentados no processo de ensino-aprendizagem na segunda metade de suas vidas.

ANALYSIS OF THE PERCEPTION AND INCLUSION OF THE ELDERLY IN TEACHING YOUNG PEOPLE AND ADULTS (EJA)

ABSTRACT

Schools in the course of its history, was characterized by elitist view of education, where schooling is the privilege of a group – an exclusion that was legitimized in educational policies and practices of the social order. With the education democratization process, the paradox inclusion/exclusion is highlighted, when education systems universalize access, but continue to exclude groups and individuals considered outside the normal school standards, and between these groups, there are the elderly people, mainly characterized by difficulties they are to adapt to a new reality, due to standardization of the educational system. So, this is the focus of this study: the inclusion of older people in the classroom in the teaching mode EJA, and aims to analyze, characterize and describe the perception that these older students have with their own inclusion, classmates and teachers, in this teaching mode. This article is an descriptive, exploratory, and qualitative study, accomplished with 10 participants. Data were collected through individuals recorded, transcribed, and subjected to content analysis interviews. The education of the elderly and their inclusion in Youth and Adult Education (EJA) is surely, a challenge, since recent surveys conducted by the CENSUS 2010 (IBGE) point a percentage of elderly people who still can't read or write, getting, like this, the margins of society. The study is aimed to identify the real needs of this group, if they feel fully included and how they perceive themselves in the process. In this context, we observed the levels of satisfaction of elderly, expressed in relation to their own perception of inclusion, and what were the difficulties they showed more, in its path to acquiring new knowledge in this second stage of their lives.

Keywords: Elderly. Inclusion. Youth and Adult Education.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Do universo à jaboticaba**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- _____. **Conversas sobre educação**. 10. ed. - Campinas, SP: Versus Editora, 2010.
- ARENA, A. P. B. A leitura de jornal e a exclusão de idosos. **Revista ACOALFAplp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa**, São Paulo, ano 5, n. 9, p. 9-23, 2010/ 2011.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução de M.H.F. Monteiro, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BORGES, Heloísa da Silva. **Construção do Currículo da Educação de Jovens e Adultos**. Manaus – Amazonas, 2007.
- BRANDÃO, C. R. Da educação fundamental ao fundamental na educação. Proposta: **Revista a Serviço da Educação de Base**, Rio de Janeiro, Supl. 1, set. 1977.
- BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, 2003.
- COURA, I. G. M. **EJA e a Terceira Idade: uma combinação que gera qualidade de vida**. 17º COLE – Congresso de Leitura do Brasil, 2009, UNICAMP, Campinas-SP. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem02/COLE_4311.pdf>. Acesso em: 15.12.2014.
- FARIAS, Adriana Medeiros. Alfabetização e educação popular no contexto das políticas públicas. In: **Simpósio Estadual de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos**, 1., 2006, Pinhão. Anais... Curitiba: SEED/PR, 2006. p. 14-21.
- FÁVERO, Osmar. **Lições da história: avanços de sessenta anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições de analfabetismo no Brasil**. In: OLIVEIRA, I.B.; PAIVA J. (orgs.) **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. **Direitos das Pessoas com Deficiência: garantia de igualdade na diversidade**. Rio de Janeiro: WVA, 2004.
- FIGUEIREDO, R. V. **Políticas de inclusão: Escola-gestão da aprendizagem na diversidade**. In: ROSA, D. E. G.; SOUZA, V. C. (Orgs). **Políticas Organizativas e Curriculares, educação inclusiva e formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa**. Portugal, 1913; Reavaliado em 2010.
- FISK, A. D. et al. *Designing for older adults: Principles and creative human factors approaches (2nd ed.)*. Boca Raton, FL: CRC Press. 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Educação e Mudança**. 26. ed. RJ: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. 31. ed. RJ: Paz e Terra, 2000.

INEP. **Censo Escolar** 2010. Versão Preliminar. Brasília: INEP/MEC, 2010.

_____. **Censo Escolar** 2011. Versão Preliminar. Brasília: INEP/MEC, 2011.

_____. **Censo Escolar** 2012. Versão Preliminar. Brasília: INEP/MEC, 2012.

LANG, F. R.; CARSTENSEN, L. L. (1994). *Close emotional relationships in late life: Further support for proactive aging in the social domain*. **Psychology and Aging**, 9, 315-324. [PMID: 8054179]

LANG, F., Staudinger, U.; CARSTENSEN, L. L. (1998). *Perspectives on socioemotional selectivity in late life: How personality and social context do (and do not) make a difference*. **Journal of Gerontology: Psychological Sciences**, 53, 21-30. [PMID: 9469168]

MARQUES, D. T. **Educação de Jovens e Adultos: uma perspectiva de alfabetização com idosos**. Campinas/2009. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

MARQUES, D. T.; PACHANE, G. G. Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.2, p. 475-490, maio/ago. 2010.

MILLANVOYE, M. *Ageing of the organism before sixty years of age*. In: MARQUIÉ, J.C. ; CAU-BAREILLE, D.P.; VOLKOFF, S. (org.) **Working with age**. London: Taylor & Francis, 1998, p.133-161.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. 5. ed. São Paulo: Loyola, Ibrades, 1987.

RAIÇA, Darcy (org.) **Tecnologias para a Educação Inclusiva**. São Paulo: Avercamp, 2008.

SALGADO, M. A. **Os Grupos e a Ação Pedagógica do Trabalho Social com Idosos**. A Terceira Idade, v. 18, n. 39, 2007/2008.

SANTOS, Mônica Pereira dos. O papel do Ensino Superior na Proposta de Uma Educação Inclusiva. Revista Movimento – **Revista da Faculdade de Educação da UFF**, Rio de Janeiro, n.7, p.78-91, maio 2003.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e Realidade Escolar: O problema escolar e de aprendizagem**. 15 ed. Petrópolis, RJ – Vozes, 2008.

SILVA, M. C. B.; TAAM, R. **O idoso e os Desafios à sua Educação Escolar.** 2009.
Disponível em:< http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2009/51.pdf>. Acesso em: 21.10.2014.

SOARES, Leôncio J. G. O surgimento dos Fóruns de EJA no Brasil: articular, socializar e intervir. In: RAAAB, Alfabetização e Cidadania – Políticas Públicas e EJA. **Revista de EJA**, n.17, maio de 2004.

ANEXO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOPEDAGOGIA**

Prezado (a) colaborador (a),

Estou realizando uma pesquisa na Universidade Federal da Paraíba com o propósito de conhecer o estresse na terceira idade bem como sua relação com a qualidade de vida. Para efetivação do estudo, gostaria de contar com sua colaboração respondendo a este questionário. Por favor, leia atentamente as instruções deste caderno e responda conforme seu julgamento, **SEM DEIXAR QUAISQUER DAS QUESTÕES EM BRANCO**. Para que você possa respondê-lo com a máxima sinceridade e liberdade, garanto o anonimato e a confidencialidade de todas as suas respostas. Informo que este estudo está em conformidade com o disposto nas resoluções 466/2012 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde e, por isso, faz-se necessário documentar seu consentimento. Por fim, me coloco a sua inteira disposição para esclarecer qualquer dúvida que necessite.

Desde já, agradecemos sua colaboração.

Termo de Consentimento

Assinando este termo estou concordando em participar do estudo acima mencionado, sob a coordenação da **Prof.^a Dr.^a. Geovani Soares de Assis**, estando ciente de que os dados fornecidos poderão ser utilizados para fins científico-acadêmicos.

João Pessoa, _____ de _____ de _____

Assinatura do participante

APÊNDICE A

1- QUESTÕES SÓCIO-DEMOGRÁFICAS:

- **Idade:** _____
- **Sexo:** Masculino Feminino:
- **Estado civil:**
 - () Solteiro(a) () Casado(a) () Divorciado(a) () Viúvo(a)
 - () Outros
- **Grau de escolaridade em que você se encontra:**
 - () Analfabeto
 - () Primeiro ciclo do Ensino fundamental
 - () Segundo ciclo do Ensino fundamental
- **Aposentado(a)?** () Sim () Não
- **Exerce atividade remunerada?** () Sim () Não
- **Que tipo de atividade:** _____

- **Com quem reside?**
 - () Cônjuge () Filhos () Casa de Repouso () Outros

2- Questões específicas:

01. É sua primeira experiência com a escola? () Sim () Não
Explique.

02. Qual o principal motivo para você está aqui?

03. Como você se sente com relação aos conteúdos ministrados?

04. Você considera a metodologia utilizada na EJA adequada as suas necessidades de aprendizagem? () Sim () Não. Explique.

05. Você se sente parte da turma? Por quê?

06. Qual sua opinião em relação a esta modalidade de ensino EJA?

07. Quais as sugestões de mudanças que você indicaria para a melhoria do ensino na EJA, no que diz respeito a sua inclusão?

08. Suas experiências de vida estão sendo valorizadas na EJA?
() Sim () Não. Justifique.

09. Você diria que fez uma boa escolha após vim estudar na EJA? Explique.

APÊNDICE B

	01	02	03	04	05	06	07	08	09
S 01	Sim. Aprendi a ler e escrever aqui.	Aprender mais e mais.	São bons. Cansa a vista; tem pouca gente na sala; tem horas que dá sono.	Sim. Apesar das dificuldades tem aprendizagem; sei ler e escrever	Sim. Somos todos amigos.	Muito boa. Tem ajudado a categoria idosa a aprender coisas novas.	—	Não. Só as que se conversa uns com os outros.	Sim. Aprender é muito bom.
S 02	—	Não gosto de ficar em casa.	Aulas de tempo menor. Aulas chatas.	Não. Não tem aprendido nem mais nem menos.	Não é de conversar muito.	Boa, mas pode melhorar.	Passar histórias, passeios, visitas a lugares que contém história; visita de gente nova pra animar a sala.	Não. Não fala da vida e ninguém pergunta.	Sim. Porque é bom.
S 03	Sim. Está há 3 anos e gosta muito.	Conhecer novas pessoas e aprender.	Gosta das aulas, só não gosta de fazer contas.	Sim. Aprende do jeito que os professores ensinam, mas para quem passou muito tempo sem estudar é difícil.	Sim. Gosta de todos, porém conversa mais umas com as outras.	É bom, já estudei no MOBREAL e também era bom.	Precisa ter mais passeios.	Não. Ninguém pergunta sobre a vida gente.	Sim. Aprende muita coisa boa. Gosta de tudo.
S 04	Não. Estudou em outra escola.	Para melhorar no meu trabalho em casa.	São bons, só não gosta de geografia e ciências.	Não. Aulas cansativas e dão sono.	Gosta muito de todos.	É bom. Tem ajudado muito.	Aulas cansativas. Os professores que passavam vídeos, filmes e histórias não estão mais.	Não. Não são ouvidas por ninguém, só em conversas com amigos da sala.	Sim. Ficar em casa não era bom.

S 05	Não.	Necessidade de aprender a ler e escrever.	Bom.	Sim. Aprendeu com esforço a ler e escrever.	Sim. São pessoas boas.	—	Forma de fazer as aulas, pra serem mais animadas. É cansativo.	Não. Não são perguntadas, são só alunos.	Sim. Melhor escola da vida. Antes nem falava, hoje sabe ler escrever; assina nome e lê revistas.
S 06	Não. Na outra escola tinha muito jovem e muito barulho. Todo dia ficava com a cabeça doendo.	Aprender mais um pouco.	São bons. Algumas são mais difíceis, como matemática.	Sim. Professores tem o jeito de ensinar e os alunos aprendem devagar, mas aprendem.	Sim. Todos são amigos e tem quase a mesma idade.	No EJA aprendeu mais.	Mais atividades com vídeos, músicas, pra ficar animado; ano passado era melhor.	Não. Não se pergunta sobre o que eles sabem; só fala com amigos.	Sim. Qual escola aceitaria ele estudar nessa idade?
S 07	Sim. Aprender a ler e escrever	Continuar aprendendo.	Bons. Aprendido muitas coisas novas.	Sim. Aprendido um pouco do que os professores ensinam.	Sim. Todos são amigos.	É muito boa.	Não tem muita coisa pra fazer, não é animado e é cansativo.	Não. Ninguém pergunta.	Lugar bom, tem ajudado muito; gosta.
S 08	Não. Já estudou em outra escola.	Aprender mais.	Bons.	Sim. O método é bom, mas podia ser mais animado, às vezes da sono.	São todos amigos.	Tem ajudado em muita coisa.	Não faz passeios; tinha aula animadas, mas não tem mais.	Sim. Fala só com colegas.	Sim, estava precisando aprender mais.

S 09	Sim.	Aprender a ler e escrever.	Sinto dificuldade. Não sei bem pegar no lápis pra escrever	Não. Entende mais o que é dito do que é escrito.	Sim.	Boa.	Ter mais apoio para gerar mais gosto pelo estudo. Às vezes dá sono.	Não. Não se pergunta sobre o que gosta ou sabe fazer.	Sim, mas só vai ficar até o fim do ano.
S 10	Sim.	Sair de casa.	Pelo problema de memória, esquece rápido das coisas, por isso, tanto faz.	Não. Não guarda as coisas por muito tempo.	Sim, mas não conversa muito.	Boa.	Passeio; visita de outras pessoas; professores de outras escolas pra animar.	Não ninguém quer saber.	Melhor que ficar em casa.